

## EDITORIAL

A **Revista Dialectus**, no seu sétimo número, traz ao debate o pensamento do filósofo marxista **István Mészáros**. Em tempos de degradação da razão, sua crítica à ordem social vigente é de inestimável valor teórico e prático para a luta da classe trabalhadora.

A atualidade de sua teoria não se furta ao debate com a produção teórica relevante da tradição filosófica e com as posições ideológicas assumidas por um amplo contingente de pensadores e militantes - inclusive marxistas - nem sempre coincidentes e por vezes até antagônicas. O desafio a que se propôs, de atualizar *O capital*, de Karl Marx, autoriza-o à desmitificação da natureza mais profunda do metabolismo social do capital, um poderoso e interligado sistema de mediações alienadas, o qual exacerba a contradição capital-trabalho e engendra a opressão como a degradação do homem.

A sua obra enfrenta grandes desafios para compor a compreensão do marxismo como totalidade crítico-dialética e a superação da regência macabra do capital como um ato tangível à existência humana mediada pela igualdade substantiva. Para tanto, põe novo foco sobre a obra de Marx, reafirmando sua pertinência e atualidade, não se furtando ao inadiável enfrentamento do problema do Estado quando se perspectiva a emancipação humano-social frente ao poder alienante que o capital exerce sobre nossas vidas, especialmente no momento em que o capitalismo se defronta com a sua crise estrutural.

O atual cenário, que mercantiliza as relações sociais e os indivíduos e exacerba a marginalização e a violência, o anúncio da possibilidade de ruptura com padrões de tamanha força coerciva soa quase como apologia ao impossível, uma vez que não há como escamotear a penúria a que muitos estão condenados numa sociedade que concentra grande parte da sua riqueza nas mãos de uns poucos que não produzem. O desemprego estrutural, aumento da pobreza, individualismo, competitividade, banalização da violência e a precarização das relações de trabalho são os indicadores incômodos que insistem em abarcar o globo terrestre. O quadro aponta elementos que se relacionam entre si e corroboram com a prescrição de “saturação civilizatória” do sistema do capital e responde ao movimento de “instabilidade” provocada por sua crise estrutural, a qual paralisa qualquer margem de ação no interior das estruturas que o regem.

Diante de tantos desafios e na contramão de tantas outras previsões cétricas, felizmente Mészáros enxerga a chance de ruptura com a lógica desumanizadora imposta pelo sistema do capital, a partir do processo de reestruturação radical de todo o sistema. A mudança qualitativa da sociedade, porém, requer não somente a transformação das relações que

produzem o fetichismo e a reificação, mas também a superação das mediações que estão inseparavelmente entrelaçados no sistema orgânico da sociedade de mercadorias, qual sejam: o capital, que representa não só as condições materiais alienadas de produção, como também a subjetividade que comanda e se opõe ao trabalho; o trabalho, estruturalmente privado do controle da produção e que tanto reproduz o capital como o confronta defensivamente; e o Estado, a estrutura de comando político do sistema que controla e subsume o trabalho ao poderio e necessidade compulsiva do capital. Requer, além do compromisso com a práxis consciente e transformadora, a compreensão dos mecanismos materiais e econômicos que fomentam a reprodução do sistema e as construções ideológicas que criam o consenso hegemônico.

A reflexão acerca dos fundamentos que edificam o compromisso com a mudança social radical da sociedade é o objetivo a que se propõe o dossiê **“O pensamento de István Meszáros”** através do qual os leitores terão acesso à produção teoria de pesquisadores que se somam à denúncia da gravidade das contradições que o sociometabolismo do capital imprime sobre a existência social.

Jesus Ranieri (IFCH/Unicamp), com o artigo **“István Mészáros e a interpretação de Marx: o lugar e a força da radicalização da crítica imanente”**, aponta a produção de István Mészáros como representativa de uma forte interpretação da teoria de Marx, especialmente a chamada Crítica da Economia Política, do ponto de vista de sua radicalização. Para o autor, o diagnóstico de Mészáros é aquele de que a relação social de produção denominada capital atinge todas as esferas da vida e de que sua crise de realização é igualmente abrangente, revelando-se como crise financeira, humanitária, das ideologias e também da cultura.

Antonio Marcondes dos Santos Pereira e Eduardo F. Chagas (UFC), com as **“Reflexões sobre Estado e violência em “a montanha que devemos conquistar” de István Mészáros”** iniciam a discussão acerca da função do Estado, que na sua estruturação, na base material antagônica do capital, tem como ação legítima proteger a ordem sociometabólica vigente, se configurando como a montanha que devemos conquistar em todas as suas dimensões estruturais profundamente integradas.

O artigo **“Educação e política para além da lógica do capital”**, de Wildiana Kátia Monteiro Jovino (UFC), trata de algumas mediações potenciais ao enfrentamento da hegemonia alienada do capital, dentre a quais destaca a política radical que, em expresse e claro combate à política burguesa deve restituir à base social o poder de controle e decisão dos quais a classe trabalhadora foi mantida sempre alheia; e a educação que, embora se

encontre refém do poder mercadológico que a classifica como um campo inesgotável de rendimentos para o capital e do discurso da cidadania como modelo ideal de formação com vistas à superação das injustiças e desigualdades, se, adequadamente engajada nos processos formativos que se desenvolvem na convivência humana, no trabalho, nas instituições, nos movimentos sociais e manifestações culturais, é uma prática social integrante mediadora, capaz de dar amparo à formação/autoformação crítica dos sujeitos em prol da emancipação humano-social.

No artigo, “**Aproximações ao método de Mészáros: notas sobre o livro “O conceito de dialética de Lukács”, de 1970**”, Demetrio Cherobini (UFSC) realiza o estudo dos “elementos concernentes ao *método* utilizado por Mészáros em seu procedimento de escrutínio crítico da teoria de Lukács” e da investigação do real, explorando o procedimento teórico-metodológico do pensador húngaro para o desvelo da dinâmica sócio-histórica concreta.

O estudo de Celeste Deográcias de Souza Bitencourt (UFMG), intitulado “**Transição socialista em Mészáros: “transcender” / superar a montanha – o trabalho assalariado, o capital e o Estado**”, por sua vez, convida ao estudo da problemática do Estado, metaforicamente representado por Mészáros como a “montanha” que precisa ser transcendida, haja vista o Estado burguês se constituir na expressão do poder político que busca assegurar, por meio de sua classe e instituições, interesses específicos particulares e a coesão em torno do projeto do capital.

Maurício Gonçalves (UNESP), com a Resenha “**A montanha que devemos conquistar: reflexões acerca do Estado**” nos apresenta as reflexões de István Mészáros em seu mais recente livro traduzido para o português que alteram os parâmetros em que o debate sobre o Estado moderno na teoria marxista vem se dando, com todas as suas implicações para a práxis emancipatória, a estratégia e os princípios orientadores do socialismo.

Na seção “Artigos Diversos”, Lucíola Andrade Maia (UECE), com “**A pedagogia socialista de Makarenko: notas pedagógicas**” divulga a obra e as ideias do educador socialista ucraniano Anton Makarenko e sua eminente luta a favor da educação e reflete sobre a relevância de seu legado pedagógico para a formação humana. Como defende a autora, Makarenko dedicou sua vida a educar, elaborar e construir um processo educativo fundado no pensamento socialista. Seu trabalho foi especialmente dirigido à educação de crianças e adolescentes abandonados e oprimidos pela estrutura da ditadura czarista no Império russo.

José Rômulo Soares (UECE), com “**Arte e beleza no poema pedagógico de Anton Makarenko**”, aborda a experiência educacional de Anton Makarenko (1888-1939) na *Colônia*

*Gorki* e na *Comuna Dzerjinsky*, realçando seu trabalho com a arte e a estética das relações humanas no processo educacional. Toma como obra central, o clássico *Poema Pedagógico*, no qual o pedagogo ucraniano relata sua práxis educativa durante dezesseis anos de trabalho à frente das referidas instituições.

A questão da violência é diversamente investigada a partir de concepções diferenciadas. A obra literária de José Saramago é o alvo da análise de José Leite Jr (UFC) com a pesquisa “**Violência e resistência no discurso de Saramago: anotações semióticas**” o qual, segundo o autor, baseia-se na relação contraditória entre opressão e libertação, sendo estes últimos colocados, em homologia com vida em oposição à morte, e natureza em oposição à cultura, identificado como uma forma de controle social.

Fábio José de Queiroz (URCA), com o título “**As inúmeras faces da violência ditatorial na América latina nos anos 1960 e 1970**”, reflete sobre a violência institucionalizada na América Latina, nos anos 1960 e 1970, tomando como referência os casos de Paraguai, Brasil, Uruguai, Chile e Argentina. Do estudo bibliográfico e à luz de interpretação teórica de caráter marxista, resulta a enunciação explícita e ampliada do caráter autocrático e brutal do militarismo, ao tempo que se ratifica a necessidade de uma recuperação crítica dos “anos de chumbo” – e de suas modalidades específicas de violência sob o manto da Doutrina de Segurança Nacional (DSN) - no território latino-americano.

Numa outra perspectiva, Gisele Gallicchio (UFC), por sua vez, com a pesquisa “**Eliminação e deslocamentos da violência: uma transversalização com as sociedade de controle de Gilles Deleuze**” realiza a distinção entre violência de eliminação, assinalando aqueles traços que, conceitualmente, circunscrevem a violência em valores modernos e disciplinares com uma breve exposição dos componentes constitutivos da Modernidade detectados nas abordagens de Hannah Arendt, Walter Benjamin e Michel Wieviorka. A demarcação da diferença relacionada à eliminação se faz possível a partir do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, considerando os registros e as mutações ocorridas nas sociedades contemporâneas.

Na seção “Tradução” apresentamos o trabalho de Marquessuel Dantas de Souza (USP) com a tradução **Histoire de la littérature allemand**, de Hardenberg (Novalis), um dos mais importantes personagens do romantismo alemão.

Boa leitura a todos.

Por: Wildiana Kátia Monteiro Jovino  
Eduardo Chagas  
fevereiro de 2016